

Coluna do fan

DIALOGOS NACIONAIS E DICÇÃO DE RESTIER

UBIRAJARA MAGALHÃES

QUEM assiste aos filmes brasileiros deve notar frequentemente certo desequilíbrio na parte direcional.

É patente, e logo nos salta à vista particularidades desconcertantes, como se tais filmes fossem rodados de afogadilho. Notamos-lhes quase sempre o esquecimento de regras estéticas indispensáveis à feitura de boa produção.

No acervo de deficiências constatada-se o ridículo dos diálogos inexpressivos. Diálogos, não raro, mofozinhos, irritantes e pretensiosos. Sem a necessária clareza, concisão e simplicidade, caracterizantes da correta linguagem de uma fita.

Se os diálogos são concretos e breves, demonstram certa força emocional agradável a todo espectador. Carregando seu estranho sortilégio as cenas comovem, adquirindo ao mesmo tempo valor de realismo capaz de convencer e extasiar.

Se, ao contrário, os diálogos se apresentam desajeitados, incolores, supérfluos, entremeados de ditos mirabolantes ou gongóricos, menores serão as possibilidades de êxito.

E há, ainda, um detalhe certamente perceptível pelos ouvintes de uma sala de projeção: a pronúncia, ou melhor, a dicção dos artistas, que ao ser executada com toda naturalidade — sem aquela ênfase teatral de grandes efeitos no palco mas imprudente na tela — dá elegância e vigor aos quadros.

Cabe-nos aqui um exemplo, exemplo que citamos como um elogio: — a atuação, isto é, a admirável dicção de Renato Restier no «Pecado de Ninas».

Sem termos tempo para nos ocuparmos neste momento da referida fita, seus realizadores e artistas, desejamos, no entanto, ressaltar que a parte brilhante de Restier no aludido celuloide destacou-se muito mais devido à sua clareza de timbre e natural expressão

nos efeitos de dicção que lhe tornaram mais real, mais vivo e espontâneo o papel.

Imitem-no os demais artistas brasileiros. Progridam as películas nacionais.

(Rio)

TÍTULOS ORIGINAIS E OUTROS MAIS

O título original duma película é o ponto de referência em qualquer publicação cinematográfica deste ou daquele país, nesta ou naquela língua (claro que em alfabetos outros que não latino, isto não pode constituir regra, como por exemplo, o russo, uma vez que não é possível escrever o título original de «Flor da Pedra» aqui na A CENA MUDA, salvo se tiver tipos especiais de letras) e este ponto de referência de suma importância para os que se entregam a estudos cinematográficos, no entanto, apresenta graves alterações que poderão passar despercebidas de observadores menos avisados, e isto é errado aqui no Brasil, como veremos adiante, a pouca importância ao título da película atingiu as raias do absurdo, e não vem ao caso tratar da película nacional em si, mas o estranho que revestiu a troca do título original).

Ultimamente registramos esta prática condenável em vários celuloides, trazendo como originais os títulos que receberam nos Estados Unidos da América do Norte (será que até em títulos originais não nos livramos da influência estrangeira? será que até nisto não nos podemos livrar do «americanismo»? — creio que é demais!) e para que não haja dúvida sobre o que afirmo, nada melhor que alguns exemplos.

«Nesta Mundo a... no Outros» (bonito título!) acompanhado do título lanque «Stairway to Heaven» como se este título inadequado fosse o original inglês que é o sugestivo «The Matter of Live and Death», e quanta gente por aí não percebeu esta condenável substituição ou, o que é mais certo e mais lógico, a má fé

ou a burrice dos importadores e distribuidores, e como o filme é inglês, tendo o público se acostumado ao gongo imponente de J. Arthur Rank a anunciar maravilhosos celuloides, foi fácil aceitar o título ininteligível... que é em inglês também.

«Nas Garras da Fatalidade», que além de ser inglês é de Alberto Cavalcanti, o grande diretor brasileiro que fundou a Companhia Vera Cruz com o fito de fazer fita digna de ser exibida no estrangeiro sem nos humilhar e, é certo, para ampliar o restrito limite do cinema nacional, sendo que é importante conhecermos bem as atividades européias do cinema patricio, portanto, «Nas Garras da Fatalidade», mais do que os outros, não devia trazer o título lanque «I Became a Criminal» como sendo o original que é «They Made me a Fugitive», exatamente o que contém o argumento.

Vejamos um exemplo italiano, uma película de Blasetti (coisa fraquíssima e que cito apenas para ilustrar — trata-se de «Farsa Trágica» que a Republic distribuiu com o título «The Just», quando na verdade é «La Cena delle Beffe», e se não fossem os termos «just», «beffa» e «farsa» seria difícil identificá-lo.

Agora um exemplo grave porque se trata duma obra-prima: «A Pérola», que além do título intermediário «The Pearl» (originário da novela de mesmo nome de Steinbeck) foi falada em inglês, como se para nós houvesse alguma vantagem em se desprezar o espanhol, língua irmã, e o título original ficou esquecido: La Perla.

Assim, são muitos os filmes que, não sendo de Hollywood (ou produzidos por lá) trazem como original o título lanque, e ainda há o caso de dois títulos brasileiros para um só celuloide (isto tem pouca importância, uma vez que conserva o título original) tendo acontecido com «La Chartreuse de Parme», que foi «A Sombra do Patibulo» para o Rio e «Amantes Eternos» em

(Cont. na pág. 30)

REGRESSO DE NEW-YORK

De WALDA CALVERT

É verdade, estou de volta de uma viagem que pareceu um sonho. Como já tive ocasião de lhe falar, quando recebi o convite para atender a reunião publicitária em Nova York em torno dos preparativos para o lançamento mundial do filme «Harvey», nem de leve poderia supor qual a impressão que me seria dada experimentar, mas, agora, estou mais do que habilitada para contar-lhe rapidamente o que foi esta viagem.

Cheguei a Nova York no dia 3 de outubro, já no dia 4 fui aos admiráveis escritórios da matriz, onde tive conhecimento com os demais colegas vindos da Inglaterra, Suécia, Austrália, Bélgica, França, Itália e Ilhas Filipinas, tendo o ecólogo da Inglaterra sido o portador de um coelho gigante, em carne e osso, vivinho da silva, bichinho este o inseparável companheiro de James Stewart, o protagonista de «Harvey» e que o tinha presenteado a Jack Sullivan, antes de sua partida da Inglaterra. Espero ainda receber a fotografia em questão que terei prazer de lhe mostrar oportunamente.

Havia em torno de todos nós um ambiente de expectativa do que seria o filme «Harvey», filme este que motivara nossa ida aos Estados Unidos.

Primeiro levamos dias em reuniões preliminares ouvindo vários detalhes que se relacionavam com esta maravilhosa produção, presenciamos uma exposição estupefata de inúmeros motivos publicitários, foram conferências e mais conferências, durante as quais tivemos ocasião de conhecer o valor dinâmico da publicidade norte-americana, sim porque indiscutivelmente eles sabem fazer publicidade. No dia 10 de outubro, à meia-noite, partimos de Nova York para Hollywood, uma viagem de 11 horas com apenas uma parada em Chicago. Chegamos em Hollywood no dia 11 e não se perdeu tempo. Almoçamos no Hotel, onde fomos hospedados fidejamente, o Roosevelt Hotel, para em seguida visitarmos os magníficos estúdios da Universal em Universal City. Nessa tarde fomos apenas apresentados aos diretores e chefes dos vários departamentos. Voltamos tarde para o hotel, a fim de nos prepararmos para o grande momento que nos aguardava, a estreia de gala de «Harvey». Jantamos num ambiente de alegria e seguimos numa limousine que aqui chamamos de lotação, mas era um lote particular dos estúdios da Universal-International, e chegamos finalmente ao «Carthay Circle», nome do elegante cinema onde se realizam atualmente todas as grandes estréias de gala. Acho que será difícil descrever em poucas palavras a grandiosidade desta festa e principalmente a ordem reinante. Imagine que de cada lado do cinema existem arquibancos.

(Cont. na pág. 30)



Ginger Rogers, na premiação de «Harvey» dizia à representante do Brasil o quanto apreciava aos brasileiros, pois tinha tido ocasião de falar a muitos patricios em Nova York.



UM NOVO CINEMA PARA O RIO

A CONTECIMENTO de relevo e significação na vida social da Cidade Maravilhosa constitui a abertura do novo cinema de Copacabana, o ART PALÁCIO, localizado à Av. Copacabana, de propriedade da Cinemas Art Palácio S/A e cuja linha de programação é toda de filmes italianos, franceses e britânicos. Dotado de ampla e confortável sala de projeções de ótima capacidade, poltronas estofadas, refrigeração e demais requisitos de uma casa de espetáculos moderna e à altura do progresso da Capital Brasileira, o Art Palácio foi construído segundo os planos mais modernos, atendendo ao bom gosto e às exigências arquitetônicas do último tipo. Na foto, vemos um grupo de jornalistas que compareceu à avant-première do «Art Palácio» vendo-se, da esquerda, para a direita: Manoel Jorge, da Emissora Continental; A. Moniz Vianna, crítico do «Correio da Manhã»; Arthur de Castro, chefe de publicidade da Fox Film do Brasil, e o colaborador de A. CENA Salvyano Cavalcanti de Paiva.